O DISCURSO CIENTÍFICO NAS PESQUISAS EM LINGÜISTICA APLICADA DO BRASIL

Hilário Inácio Bohn (UCPEL) Carlos Eugênio Costa da Silva (UCPEL)

SIX MEMOS

FOR THE NEXT MILLENIUM

1 - Lightness

2 - Quickness

3 - Exactitude

4 - Visibility

5 - Multiplicity

6 - Consistency

Ítalo CALVINO

1. Introdução

A história da ciência mostra que diferentes épocas e culturas privilegiaram diferentes paradigmas para resolverem os seus quebra-cabeças na busca de respostas às suas indagações. No entanto, nenhum paradigma atingiu o prestígio e a universalização usufruídas pela proposta da racionalidade que tem nas idéias de Descartes uma das contribuições mais importantes. O paradigma dominou o discurso e as metodologias de pesquisa das ciências físicas e naturais durante vários séculos. Com o decorrer do tempo, este paradigma também estendeu os seus princípios e preceitos às ciências sociais, com as adaptações e interpretações específicas da área. Mas, a tentativa e a busca árdua em estabelecer a relação entre causa e efeito nos estudos das ciências humanas, trouxe para a área dificuldades quase intransponíveis.

Contrariamente aos pressupostos da racionalidade e da causalidade das ciências naturais, as ciências sociais traziam tradicionalmente para a discussão conhecimentos e metodologias menos comprometidas com os pressupostos da racionalidade conferidos na mensurabilidade e na universalização, preferindo os cientistas sociais examinar os objetos de estudo interativamente, numa pluralidade de condições em que o contexto, o discurso, a linguagem, a cultura interagem com o analista no momento da observação do objeto e na interpretação e leitura dos dados.

Com o advento da teoria da relatividade na primeira metade do século XX que desenvolve um novo olhar sobre a estrutura e funcionamento do mundo, físico e social, descobre-se a complexidade do universo e dos fenômenos que o regem. Verifica-se também a impossibilidade de o paradigma científico vigente encontrar soluções para os inúmeros quebra-cabeças que este novo olhar projeta sobre os fenômenos físicos e sociais. Produz-se então o fenômeno da crise. A ciência normal, de acordo com as palavras de

Kuhn (2005), já não consegue solucionar os quebra-cabeças e responder as perguntas que este novo olhar permite interrogar. Está, então criado o ambiente propício para o surgimento de um novo paradigma científico, uma revolução, e a ciência normal, novamente, de acordo com Kuhn (2005) inicia um novo ciclo, talvez não imaginado por Kuhn ou por Sokal (2006)

Este novo paradigma, apesar de engendrado juntamente nas áreas das ciências físicas pela teoria da relatividade de Einstein e nas ciências humanas pelo furação do marxismo e pelas novas definições, também nem sempre serenas, do ser humano, propostas na psicanálise por Freud e seus colaboradores e críticos, surge uma nova interação entre o cientista e o mundo sob análise. Em seguida questiona-se a centralidade dos meios de produção e da economia sobre a constituição da sociedade e dos sujeitos que a habitam. Junta-se a isso a valiosa contribuição de sociólogos, filósofos e pensadores franceses: Foucault com suas propostas de constituição do sujeito na tessitura social da atividade linguageira e do jogo do poder; Bachelard (1993) salienta a importância da intuição no instante da descrição dos fenômenos e objetos do universo. O autor traz alguns dos aspectos da teoria da relatividade para as ciências sociais e humanas. Juntam-se a Bachelard as contribuições de Bourdieu, Morin, Derrida, Kristeva e outros.

Em Portugal e no Brasil inicia-se o debate sobre temáticas semelhantes, especialmente nas ciências humanas, nas pesquisas sobre a linguagem. Elas são impulsionadas pela introdução do paradigma de pesquisa qualitativa, dos estudos etnográficos e pelas contribuições do debate liderado por Boaventura de Souza Santos, pelas novas concepções de linguagem dos estudos bakhtinianos e da análise do discurso. No Brasil estas idéias são fortemente ecoados, já por algum tempo, por Moita Lopes (2006) e outros lingüistas aplicados, particularmente nos departamentos do IEL da Unicamp e pelos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da PUC de São Paulo. Pode-se afirmar que toda esta produção, de algum modo se integra nas suas propostas, ainda que não inteiramente unificadas, aos qualificativos propostos por Calvino (2004) para o novo milênio, especialmente as noções de leveza, rapidez e multiplicidade, referidas na epígrafe deste trabalho.

Decreta-se, assim a crise do paradigma científico vigente. As grandes narrativas que conduziram a ciência por alguns séculos são substituídas por novos discursos-narrativas e produzem um solo fértil para a solução de novos quebra-cabeças, como proposto pelos historiadores da ciência (KUHN, 2005), por epistemólogos como Boaventura Santos (2000,

2001, 2007), por especialistas da metodologia de fazer ciência como Lincoln e Denzin (2007) e por sociólogos como Maffesoli (2007, 2005) e Morin (2001). Pode-se afirmar que surge aí um novo discurso sobre e da ciência. Boaventura (2004) designa esta nova perspectiva do paradigma do discurso científico na contemporaneidade como *conhecimento* prudente para uma vida decente e como uma renovação da teoria crítica (2007). É neste conflito de paradigmas que a Lingüística Aplicada brasileira se movimenta.

É importante salientar que nessa discussão a própria definição/concepção de linguagem desempenha um papel central. Então neste trabalho procura-se analisar e compreender como os lingüistas aplicados brasileiros se movimentam nestas diferentes maneiras de ver e fazer ciência. Examinam-se, inicialmente, algumas das características desse novo discurso da ciência, talvez novo paradigma científico que aí se desenha. Em seguida, ainda que muito brevemente, traz-se para exame alguns textos que discutem questões de ensino e aprendizagem, textos escritos por pesquisadores brasileiros e publicados em revista nacional de Lingüística Aplicada. Na análise procura-se analisar e compreender os paradigmas aos quais os autores-pesquisadores brasileiros se filiam. Não se tem a pretensão de realizar enquadres, mas de identificar indícios lingüísticos que podem mostrar estas filiações.

É importante, ainda salientar que o modelo de racionalidade científica tido como paradigma dominante por vários séculos foi desenvolvido e alicerçado nas ciências naturais, vindo a estender-se também às ciências sociais no século XIX. Assim pode-se propor um modelo global de racionalidade científica. Sendo global constituiu-se também como um modelo totalitário por negar o caráter de cientificidade a todas as formas de conhecimento não pautadas pelas regras metodológicas e princípios epistemológicos do paradigma, simbolizando assim a ruptura com os paradigmas que o precederam, segundo Kuhn (2005), caracterizando uma revolução científica.

Nos últimos cinquenta anos outras definições de cientificidade são propostas, no início de maneira bastante tímida, mas depois com vigor, autoridade e com uma produção de saberes impossíveis de ignorar pelos que pautam a sua cientificidade pela ciência normal. Com base em alguns pressupostos o conhecimento científico avança pela observação descomprometida e livre, sistemática e tanto quanto possível rigorosa dos fenômenos naturais. Boaventura Santos cita que "A fronteira que então se estabelece entre o estudo do ser humano e o estudo da natureza não deixa de ser prisioneira do reconhecimento da prioridade cognitiva das ciências naturais, pois, se, por um lado, se

recusam os condicionantes biológicos do comportamento humano, pelo outro, usam-se argumentos biológicos para fixar a especificidade do ser humano." Como resultante de uma pluralidade de condições sociais e teóricas decreta-se a crise do paradigma dominante trazendo consigo o perfil do paradigma emergente.

Boaventura Santos nos diz que só através de uma averiguação é que se pode obter a conformação do paradigma emergente, fundamentando este nos sinais emitidos pela crise do paradigma anterior e projetando uma perspectiva de futuro, mesmo que esta seja o produto de síntese pessoal e imaginária. Buscando diferenciar a natureza da revolução científica atual da ocorrida no século XVI, Boaventura designa sua análise como o paradigma de um *conhecimento prudente* para uma *vida decente*, definindo-o através de um conjunto de afirmações, que de algum modo podem estar delineando a configuração deste novo paradigma. Passamos a apresentar alguns fragmentos deste novo discurso das ciências, segundo as palavras do próprio Boaventura de S. Santos (2001). É neste conflito entre a racionaldade, universalidade e o local, entre o conhecimento objetivo dos objetos e fenômenos do mundo e o auto-conhecimento, o conflito entre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum que se engendra a crise e se procura definir o novo paradigma que também definirá os quebra-cabeças a serem resolvidos.

2. O conhecimento científico e a contemporaneidade

Examina-se o tópico em quatro conceitos, conforme proposta de Boaventura Santos:

2.1 Todo Conhecimento Científico-natural é Científico-social

Neste tópico traz-se a discussão mostra a insuficiência da física quântica para resolver problemas postos pela teoria da relatividade. Traz-se para a discussão os conceitos de historicidade, de processo, de liberdade, de auto-determinação (veja a obra de Capra), de liberdade, de auto-determinação e até de "consciência do *eu* que antes o homem e a mulher tinham reservado para si" com exclusividade (SANTOS, 2001:s38). Propõe-se a existência de uma consciência da natureza como um elemento necessário à auto-consciência dela, e se assim for, as futuras teorias da matéria terão de incluir o estado da consciência humana em sua interpretação. O conhecimento do paradigma emergente tende a ser um conhecimento não dualista (matéria – social) fundamentando-se na superação das distinções que até pouco consideradas insubstituíveis. A medida que as ciências naturais se aproximam das ciências sociais, ambas aproximam-se das humanidades, e assim transformando-se,

(re)valorizam os estudos humanísticos. Boaventura Santos propõe que a analogia textual e a analogia lúdica como a analogia dramática, biográfica figurarão entre as categorias matriciais do paradigma emergente: o mundo que é hoje natural ou social, amanhã será ambos, visto como um texto, como um jogo, como um palco ou ainda como uma autobiografia, em que o instante, em oposição ao tempo histórico, segundo Bachelard (2007), sempre produzirá novos sentidos, irrepetíveis. Isto também está de acordo com a definição de linguagem que segundo Bakhtin (2002) se constitui na interação dos interlocutores, na enunciação. Cada uma destas analogias desvela uma parte do mundo, pois o jogo pressupõe um palco, o palco exercita-se como um texto e o texto é a auto-biografia do seu autor. O jogo witgensteiniano em ação. O mundo é comunicação-dialógica e por isso a lógica existencial da ciência pós-moderna é promover a "situação comunicativa" e "Os conceitos de autopoiesi, auto-organização, potencialidade organizada, originalidade, individualidade, historicidade atribuem à natureza um comportamento humano" (Boaventura: 2001:41). Isto traz o conhecimento muito mais perto o objeto pesquisado do sujeito pesquisador, discussão da segunda afirmação de Boaventura dos Santos.

2.2 Todo o Conhecimento é Local e Total

Na ciência moderna o conhecimento avança pela especialização, pois é considerado tanto mais rigoroso quanto mais limitado, envelopante; há uma vigilância das fronteiras entre as disciplinas para que não sejam transpostas. O saber científico por sua excessiva parcelização e disciplinarização, conforme Boaventura Santos (op.cit. 46), faz do cientista um ignorante especializado, pois dedica-se a um estudo localizado, assim acarretando efeitos negativos. Perde-se a noção do ecosistema, das ramificações. Às vezes, o desfolhamento da planta está nas ramificações das raízes, ou na profundidade. A borificação superficial pode até piorar o estado de degeneração que se procura medicar.

No paradigma emergente o conhecimento também inclui a totalidade pois os projetos cognitivos locais visam a salientar a exemplaridade, podendo assim se transformar 'no total ilustrado'. A imaginação pessoal do cientista, a pluralidade metodológica, a tolerância discursiva e a fusão de estilos parecem características marcantes desta nova revolução epistêmica. Não se deve, no entanto, pensar que esta discussão se esgotou e agora os epistemólogos e filósofos encontraram os fios que marcam os encontros harmoniosos entre as diferentes tendências. A obra de Feyerbend (2007), *Contra o método* e o ataque feroz de Sokal aos cientistas-filósofos e sociólogos parece indicar que o debate

sobre ciência total vs. ciência local, apenas está em seu início. No entanto, Boaventura Santos conclui a sua discussão sobre este tópico afirmando: "A composição transdisciplinar e individualizada (...) sugere um movimento no sentido da maior personalização do trabalho científico." (op. cit. 50)

2.3 Todo o Conhecimento é Auto-conhecimento

Clausewitz, citado por Boaventura (2001), dizia que "o objeto é a continuação do sujeito por outros meios". Sendo assim, podemos concluir que todo conhecimento científico é auto-conhecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da religião, da arte ou poesia, pois interagem em busca de novos artifícios para a explicação do real. No paradigma emergente o caráter auto-biográfico e auto-referencial da ciência é plenamente assumido. A ciência moderna nos legou um conhecimento de mundo que permitiu-nos novas perspectivas de sobrevivência, renovando atitudes de como saber viver. A ciência do paradigma emergente é mais contemplativa que ativa. Boaventura insiste que a criação científica no paradigma emergente, assume-se como próxima da criação literária ou artística porque à semelhança destas pretende que a dimensão ativa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte), assim o conhecimento científico ensina a viver e traduz-se num saber prático, aspecto amplamente discutido por Boaventura nas suas obras mais recentes (2007 e 2004). Daí a quarta e última característica da ciência pós-moderna.

2.4 Todo Conhecimento Científico visa Constituir-se em Senso Comum

Pouco nos ensina hoje a ciência moderna sobre a nossa maneira de estar no mundo e esse pouco, por mais que se amplie, será sempre diminuto porque a exigüidade está inscrita na forma de conhecimento que ela constituiu. Na ciência pós-moderna, ao contrário, nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional; só a configuração de todas elas, por isso, tenta uma integração com outras formas de conhecimento, deixando-se penetrar por elas, inclusive do conhecimento do senso comum que a ciência moderna considerou superficial e ilusório. Mas, a ciência pós- moderna reconhece algumas de suas virtudes

como sua criatividade e a responsabilidade individual, a sua transparência e evidência, a sua desconfiança da opacidade e do esoterismo da cientificidade moderna, a sua indisciplinaridade e antimetódicidade, para apenas nomear algumas. O senso comum enriquece a relação do ser humano com o mundo. O conhecimento científico pós-moderno só se realiza na medida em que se converte em senso-comum sem desprezar o conhecimento tecnológico que deve traduzir-se em sabedoria de vida.

3. A pesquisa brasileira em Lingüística Aplicada

Examinamos a seguir alguns textos de pesquisa em lingüística aplicada produzidos por pesquisadores brasileiros. É importante salientar que não é uma tarefa fácil interpretar e procurar compreender os sentidos que um determinado pesquisador-escritor pretende produzir em seus leitores quando escreve, traduz a sua pesquisa em texto. É nesta opacidade e polissemia da linguagem e o do discurso humano que se procuram os indícios lingüísticos que podem revelar as filiações paradigmáticas e teóricas destes pesquisadores.

Excertos de trabalhos publicados:

Este trabalho focaliza o modelo de letramento construído nas atividades de uso da leitura em aulas de Espanhol como Língua Estrangeira, baseando-se na compreensão de que em toda sala de aula, professores e alunos estão construindo modelos particulares de letramento e compreensões particulares do que está envolvido na aprendizagem sobre como ser letrado. Este estudo analisa a interação em eventos de leitura de uma sala de aula da 6ª. Série do Ensino Fundamental e discute o que conta como ações letradas neste grupo específico. Os resultados revelam que nesta sala de aula a leitura não é vista como um evento social e os alunos estão engajados em ações letradas que não envolvem a negociação na construção do significado. (ROLA, 2006:57)

Neste parágrafo a pesquisadora faz vários posicionamentos importantes. Em primeiro lugar, alude-se à sala de aula como um lugar de identidade: professores e alunos estão construindo modelos particulares de letramento e compreensões particulares do está envolvido na aprendizagem sobre como ser letrado. Procura-se construir um modelo de leitura a partir da sala de aula e não de modelos universalistas, higienizados das características culturais dos participantes do grupo social que se constitui na sala de aula. Os modelos lineares de leitura, mesmo quando eles permitem ou sugerem movimentos discursivos interativos envolvem sentidos de universalização, se aceitáveis em termos processuais, introduzem e privilegiam modelos 'alienígenas' para os sujeitos em interação. Pode-se então compreender como estes modelos se distanciam do conhecimento local, do conhecimento cotidiano.

Os modelos e as compreensões que a pesquisadora menciona vêm ao encontro do contemporâneo, do local, do auto-conhecimento e do senso comum, como sugere Baoventura Santos em seu paradigma emergente. Talvez seja importante que os lingüistas aplicados brasileiros se distanciem das imposições de paradigmas desenvolvidos em outras culturas, particularmente do hemisfério norte colonizador. Os modelos de letramento, de produção textual, de leitura clássicos da literatura, clássicos e determinísticos, privilegiam outros atributos, ou seja, o conhecimento científico dualista, da causalidade; conhecimento científico da generalização, da disciplinarização, desprovido de qualquer ecosistema, sem enraizamentos culturais, sem os rizomas das interações da vida.

A proposta apresentada pela pesquisadora também está em harmonia com uma definição de linguagem bakhtiniana, de a linguagem se constituir na enunciação, na interação entre os falantes. Como se poderiam desenvolver habilidades de letramento sem tomar isto em consideração? A polissemia e a opacidade são constituintes da linguagem. As habilidades e a própria compreensão do letramento também se constituem ali. O modelo de leitura é construído pelos sujeitos presentes-participantes da sala de aula: os alunos interagindo com o texto, escritor; interagindo com os seus colegas leitores e interagindo com o seu professor, constituindo-se assim a tríade interacional que define a sala de aula.

Os excertos que seguem se alinham dentro de uma definição de sala de aula semelhante a discutida acima.

(...) cada vez mais se valoriza o que as pessoas sabem e podem fazer em colaboração com as outras, e não aquilo que sabem isoladamente. Dessa forma, a escola adquire uma crescente responsabilidade na formação de cidadãos críticos e preparados para interagir no mundo social. (ROLA, 2006:57)

(...) é fundamental que a escola envolva os indivíduos com práticas sociais de letramento, ou seja, com as práticas sociais de uso da leitura e da escrita que circulam na sociedade em que vivem. O letramento é visto, portanto, a partir de sua dimensão social, como um fenômeno complexo e multifacetado (Soares, 1999; Street, 1984; Cope e Kalantzis, 2000; Barton e Hamilton, 1998). (ROLA, 2006:57-58)

4. Considerações

É importante salientar que a intencionalidade expressa pelo pesquisador no início de seu texto não necessariamente se sustenta na análise e discussão dos dados de pesquisa. É comum que pesquisadores treinados no paradigma da modernidade, quando analisam os seus dados, ou quando constroem o seu aparato teórico, deslizem para os preceitos destes paradigmas apesar das *promessas* de se movimentarem dentro dos princípios do paradigma

emergente. Neste sentido, pode-se afirmar que os quebra-cabeças selecionados para a pesquisa, não só obedecem às regras do paradigma rejeitado, mas a própria seleção dos quebra-cabeças continua sendo feita pelas regras do paradigma em *extinção*.

5. Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A intuição do instante*. Tradução: Antonio de P. Danesi. Campinas, SP: Verus Editora, 2007.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução: Ivo Barroso. S.Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa* – teorias e abordagens, 2a. Edição. Tradução: Sandra R. Netz. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ª. Edição, Tradução: Beatriz Boeira e Nelson Boeira. S. Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2005.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum* – introdução à sociologia compreensiva. Tradução: Aluízio R. Trinta. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2007.

____. A sombra de Dionísio – contribuição a uma sociologia da orgia. Tradução: Rogério de Almeida. São Paulo, SP: Zouk, 2005.

MOITA LOPES, Luiz P. da. *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. S. Paulo, SP: Parábola Editorial, 2006.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*, 3ª. Edição. Tradução: Dulce Matos. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

ROLA, Ana P. C. O uso da leitura em aulas de Espanhol como Língua Estrangeira. *Linguagem & Ensino*, v.9, n.2, p.57-77, 2006. (**texto analisado**)

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a teoria crítica* – e reinventar a emancipação social. S. Paulo, SP: Botempo Editorial, 2007.

Conhecimento prudente para uma vida decente – um discurso sobre as ciências
revisitado. S. Paulo, SP: Cortez Editora, 2004.
. Um discurso sobre as ciências. 12ª. Edição. Porto: Edições Afrontamento, 2001.
Introdução a uma ciência pós-moderna, 3ª. Edição. Rio de Janeiro, RJ: Edições
Graal, 2000.

SOKAL, Alan e BRICMONT, Jean. *Imposturas intelectuais* – o abuso da ciência pelos filósofos pós-modernos. Tradução: Max Altman. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2006.